

Recebido em: 07-07-2017 Aceito em: 24-07-2017



DRONES, BIBLIOTECÁRIOS E OUTRAS TESSITURAS

Jorge Moisés Kroll do Prado¹

Permitam-nos os editores científicos nos libertarem cada vez mais às redações dos ensaios, que mesmo seguindo um sucinto teor metodológico, nos propiciam uma reflexão mais livre.

O texto que aqui se apresenta origina-se da 35ª edição do Painel Biblioteconomia em Santa Catarina², realizado em Chapecó nos dias 2 e 3 de junho de 2017. Com o tema “Do ensino às tecnologias: desafios da profissão”, tive como compromisso o de apresentar em um grupo de discussão, focado numa abordagem tecnológica, um tema relevante, emergente e deveras interessante.

DOS DRONES

Muito utilizado na televisão, no cinema e agora ainda mais acessível para o público em geral³, os drones podem concatenar aspectos de futurismo e de algo recém-lançado. Para alguns já é comum vê-los sobrevoando parques, cidades, universidades, mas para muitos outros eles são objetos dos quais só se ouviu falar.

¹ Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Gestão de Unidades de Informação e bacharel em Biblioteconomia, ambos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenador da Rede de Bibliotecas do SENAC em Santa Catarina. E-mail: jorge.exlibris@gmail.com

² Os slides da apresentação encontram-se disponíveis em: <https://www.slideshare.net/JorgeMoiss/drones-bibliotecrios-e-outras-tessituras>

³ Embora seja possível adquirir um drone via Internet ou em algumas lojas físicas, no Brasil a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) estipulou algumas regras para o seu uso que variam desde a altura que se pretende alcançar com o aparelho, até o seu peso e o sobrevoos por pessoas. Drones com mais de 25kg, por exemplo, necessitam de autorização de voo, tal qual uma habilitação. Todas as especificações estão delimitadas no Regulamento Brasileiro de Aviação Civil nº 94/2017 (ANAC, 2017).



Drone é a palavra leiga para a terminologia militar “veículo aéreo não tripulado” (*unmanned aerial vehicle - UAV*) ou “veículo aéreo de combate não tripulado” (*unmanned combat air vehicle - UCAV*). O surgimento do drone vinga com mais sucesso na década de 1940, a partir dos trabalhos da empresa Radioplane Company, em Los Angeles (CHAMAYOU, 2015). É no ambiente militar que ele é criado, se desenvolve e começa a atender às demandas bélicas.

Chamayou (2015) afirma que durante a Primeira Guerra Mundial houveram algumas tentativas de uso de drones, mas que hoje em nada se comparam. Com equipamentos como o *Curtiss-Sperry aerial torpedo* e o *Kettering Bug* temos as primeiras iniciativas, que entretanto se assemelhavam muito mais a torpedos que aos drones atuais (CHAMAYOU, 2015).

Àquela época, os drones poderiam além de ser aéreos, terrestres e subaquáticos e tinham como finalidade a de informar, vigiar e reconhecer, além de servir como ferramenta de apoio para ataques de aviões. Eles só se tornaram armas em 2001 a partir de ações militares norte-americanas no Kosovo e depois no Afeganistão (YENNE, 2004; KAPLAN, 2016).

Com o passar dos anos, o ambiente militar deixa de ser o habitat natural dos drones. Sua aparição em trabalhos de geolocalização, com a agricultura, com resgates em apoio aos bombeiros, no cinema e fotografia está cada vez mais recorrente. Por outro lado, Bauman (2011) nos chama à atenção que a drástica diminuição de seu tamanho, chegando a ser comparada com a dos insetos, tem permitido aos drones se infiltrar em ambientes cada vez mais particulares.

Esta reflexão do autor é retomada pelo mesmo em um debate junto de Lyon, dois anos depois (2013), em que eles apresentam o fim do anonimato a partir de informações pessoais que são processadas junto das milhares pegadas digitais que as pessoas deixam principalmente com o uso das mídias sociais. O mais contrasensual disso, é que de certa forma autorizamos todos estes acessos, somos em parte culpados de toda esta vigilância que está cada vez mais crescendo e desmantelando da nossa privacidade. Já se perguntou em quantos “Eu aceito” você clicou, sem mesmo ter lido os Termos de Uso da mídia social a qual você está aderindo?

Em países como Holanda, o uso de drones não tem sido muito bem visto pelo governo, que vem coibindo severamente a partir de leis e decretos. Kuiper (2015) relata que todo registro em vídeo advindo dos drones necessita que os cidadãos holandeses envolvidos sejam notificados de que serão filmados. Entretanto, já podemos nos questionar aonde irá o limite do



governo em poder acompanhar este avanço tecnológico de modo a proteger a sociedade quanto a quebra de privacidade.

Ter proferido sobre estes aparatos, num evento regional de e para bibliotecários, foi poder resgatar alguns elementos que se não agora, muito em breve estarão em pauta nos currículos dos cursos. Comentários com maior detalhamento e relação com a Biblioteconomia no último tópico deste ensaio serão apresentados; por ora, nos atemos sobre nós, bibliotecários.

DOS BIBLIOTECÁRIOS

A tecnologia está sempre presente no universo das bibliotecas, isso se considerarmos o termo a partir da reflexão de Cupani (2011), que o aponta como sendo um problema filosófico que precisa e pode ser estudado a partir de diferentes enfoques. Por muitos ela vem sendo uma aliada por profissionais atualizados, inovadores; por outros, ela entra no discurso de que veio para “matar as bibliotecas”, “destruir com a profissão”. De fato, esta mistura de interpretações e contextos (onde precisamos levar em consideração os aspectos sociais, econômicos e políticos da região em que o profissional vem atuando) se transforma num desafio cotidiano.

Cada vez mais tem se visto seja no jornalismo ou seja na literatura especializada da área, os bibliotecários remanejando os seus espaços de atuação de modo a atender toda esta expectativa, buscando o melhor uso das ferramentas e aparatos tecnológicos disponíveis no mercado. Seguindo nesta linha de transformações, percebe-se também estudos voltados para a formação e atualização profissional e o uso e impacto da tecnologia nos afazeres técnicos e no atendimento ao público. Ao se tratar de drones, já é possível identificar algumas relações com bibliotecas e bibliotecários.

A primeira que se pode mencionar é a da *American Library Association* (ALA). Em seu site, dentro de uma guia que relaciona as mais novas tendências para bibliotecas, o drone é apresentado como um artefato que pode auxiliar na distribuição de acesso à internet em locais mais remotos (como o case do Google), colaborar com a entrega de objetos em áreas mais distantes da biblioteca (tal qual o serviço Amazon Prime Air), além do desenvolvimento de novas pesquisas envolvendo inovação e a criação de conteúdo em formato de vídeo (ALA, 2017).



Outro exemplo é o da Biblioteca de Georgia Highlands College, que empresta por um período de uma semana drones munidos de câmeras. A ideia é que seus alunos possam explorá-los seja para o desenvolvimento de atividades educacionais, como para entretenimento. Oferecem ainda um guia de orientação de uso, bem como a legislação vigente que é necessária conhecer antes de pilotá-los (GHC, 2016).

E para finalizar, ainda há a possibilidade de se usar os drones para promover as bibliotecas, a partir de coberturas panorâmicas de seu espaço, como fizeram a Biblioteca Pública de Nova York⁴, a Biblioteca Pública de Toronto⁵ e a Biblioteca da Universidade de Warsaw⁶. Vídeos bem formulados podem trazer resultados interessantes de divulgação da imagem da biblioteca, desde que ambientadas num plano de marketing estrategicamente desenvolvido.

Unir os drones aos contextos das bibliotecas requer alguns pontos que precisam ser destacados. Aqui eu os chamo de “tessituras”, termo que achei bastante adequado pois ele significa um conjunto; na música, ele caracteriza toda a extensão das notas musicais de uma partitura, o agrupamento que traz um resultado melodioso.

DAS TESSITURAS

Como o tema do Painel de 2017 foi “Do ensino às tecnologias: desafios da profissão”, as tessituras aqui apresentadas evidenciam ambos os aspectos, além das discussões propiciadas pela mesa-redonda do Eixo Tecnológico do evento. Divido esta reflexão em duas categorias: **tessitura concreta** (envolvendo as ferramentas, os dispositivos e os aparatos tecnológicos por si) e a **tessitura abstrata** (envolvendo as questões sociais, culturais, econômicas e acadêmicas).

Dentro da tessitura concreta, percebemos que as tecnologias tem se evoluído cada vez mais rápido: novos *gadgets* são lançados a cada dia, aplicativos e softwares em constantes atualizações e até mesmo os formatos de arquivos já estão começando a preocupar alguns especialistas. Na perspectiva do ensino, aprender a tecnologia *per se* seria como se afogar num mar de possibilidades e não conseguir chegar à terra firme da sensatez. Uma proposta seria a de se estudar como estas novidades tecnológicas são desenvolvidas (de maneira

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r9FMlv5a_FI

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IYALiE-Lwhc>

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wntng_OZExA



lógica, com indícios de robótica e mecânica, além da linguagem de programação), até para que o próprio bibliotecário seja capaz de criar a sua própria.

Especificamente no caso dos drones, um grande número de horas são gravadas cotidianamente e mesmo em grandes centros tecnológicos, o tratamento e recuperação da informação dentro deste conteúdo tem se tornado uma tarefa bastante desafiadora (CHAMAYOU, 2015). Isso ainda sem mencionar a preocupação em se armazenar e preservar todas as gravações provenientes dos drones. Os estudos sobre *big data* tem se aperfeiçoado a cada dia (com publicações, criações de cargos especializados no tema, softwares e cursos) e muito provavelmente poderão assumir esta demanda em breve.

Já no âmbito da tessitura abstrata, relacionando com o ensino, podemos iniciar alguns ponderamentos. O primeiro deles ronda em torno de elementos sociais. Chamayou (2015) e Bauman (2013) já mencionaram sobre a falta de privacidade e a constante vigilância que é cada vez mais crescente e os drones só tem colaborado para que isso aconteça. Mas como relacionar estas questões na formação dos bibliotecários? São detalhes que merecem a atenção de uma disciplina ou podem ser tratados afortunadamente quando convier? E após formados, qual o papel (se houver) do bibliotecário para esclarecer estes aspectos junto da comunidade em que atua? Quando se tem a informação como objeto de estudo e de trabalho, acompanhar estes contextos proporcionados por esses novos aparatos tecnológicos é imprescindível.

Adotar o uso de tecnologias como oferta de novos produtos e serviços nas bibliotecas, requer um perfil também de gestor do bibliotecário. Utilizemos como exemplo a implementação de mídias sociais: é fácil encontrar em anais de eventos nacionais relatos de experiência sobre isso, mas após algum tempo, quantos desses canais ainda estão em vigor e com atualização de conteúdo constante?

Por uma falta de planejamento (onde se requer que se identifique recursos humanos, técnicos e financeiros, bem como habilidades e competências focadas em comunicação digital), o índice de bibliotecas que deixam as mídias sociais costuma ser alto. O mesmo cuidado precisa ser considerado com os drones. É necessária do bibliotecário uma visão sistêmica que perceba as necessidades da comunidade, que verifique a viabilidade desta implantação e que se considere *feedbacks*.

Ter falado sobre drones, num evento regional de Biblioteconomia, foi de início audaz, mas à medida que o público interagiu com suas colocações, comprovou-se que aquele olhar futurista que estava em evidência no início, foi deixando de existir aos poucos. O objeto drone



foi somente um dos inúmeros pontos que poderiam ser debatidos quando o assunto é tecnologia, que nos permite dialogar com uma série de áreas do conhecimento, com preocupações sociais e culturais, além das profissionais e de formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALA. American Library Association. **Drones**. Publicado em: 2017. Disponível em: <<http://www.ala.org/transforminglibraries/future/trends/drones>>. Acesso em: 27 maio 2017.
- ANAC. Agência Nacional de Aviação Civil. **Drones**. Publicado em: 2017. Disponível em: <<http://www.anac.gov.br/assuntos/paginas-tematicas/drones>>. Acesso em: 25 maio 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. Is this the end of anonymity? **The Guardian**, 28 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2011/jun/28/end-anonymity-technology-internet>>. Acesso em: 25 maio 2017.
- BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. Florianópolis: EDUFSC, 2011.
- GHC. Georgia Highlands College. **Library drones: about the drones**. Publicado em: 11 abr. 2016. Disponível em: <<http://getlibraryhelp.highlands.edu/c.php?g=448714&p=3062612>>. Acesso em: 27 maio 2017.
- KAPLAN, Fred. **The first drone strike**. Publicado em: 14 set. 2016. Disponível em: <http://www.slate.com/articles/news_and_politics/the_next_20/2016/09/a_history_of_the_armed_drone.html>. Acesso em: 25 maio 2017.
- KUIPER, Gerdo. Drones and the attack on the value of privacy: is the Dutch Bill concerning drones legitimate from the perspective of the value of Privacy? **Proceedings...** Amsterdam Privacy Conference, 2015. Disponível em: <http://www.apc2015.net/sites/default/files/pdffiles/APC2015%20Almost%20final%20book%20of%20abstracts.doc_.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.
- YENNE, Bill. **Attack of the drones: a history of unmanned aerial combat**. St. Paul: Zenith Press, 2004.

